

contra as raízes escondidas do mal, para afinal também chegarmos a uma vitória completa e definitiva.

Se Deus criou o mundo para todos, por que então uns têm tudo, e outros nada? Não será por causa do egoísmo de cada um? Acho que a luta perseverante contra esse egoísmo, pelo amor do Cristo, trará solução mais durável. Não seria esse um

aspecto dessa mística da qual falam muitos inseridos no mundo do trabalho?

Endereço do autor:
Rua Uruguaiana, 963
89200 — JOINVILLE, SC

MONSENHOR FRANCISCO XAVIER TOPP O Institucionalizador da Igreja Catarinense

Pe. José Artulino Besen
Professor de História da Igreja

Em janeiro deste ano transcorreu sem festas o centenário da chegada do Pe. Topp a Desterro. Um padre a mais, um padre a menos, de fato não requer celebrações de chegada. Mas, em se tratando da figura ímpar do Pe. Francisco Topp, a Igreja catarinense deve-lhe o cultivo da memória, pois foi, como está na epígrafe deste artigo, o institucionalizador da Igreja em terras catarinenses.

A Igreja já existia aqui desde 1538, quando dois franciscanos espanhóis, de passagem para o Rio da Prata, se detiveram na Ilha de Santa Catarina para catequizarem os índios carijós, aqui

Foi em Santa Catarina que se iniciou a evangelização do Brasil

permanecendo por 3 anos. Na Ilha e em Laguna. Não fosse a cupidez vicentista por índios para suas fazendas, o Evangelho teria brotado vicejante nestas terras. É bom lembrar que foi em Santa Catarina, com Frei Bernardo Armenta e Frei Alonso Lebron, que se iniciou a evangelização do Brasil. Depois chegaram os Jesuítas ao Nordeste.

Mas não houve uma pastoral organizada nos moldes como a entendemos hoje. Esta será mérito de Pe. Topp.

Filho de Bernhard Joseph Topp e Johanna Rosina Menge, Francisco Xavier Topp nasceu em Warendorf, Alemanha, a 19 de setembro de 1854. Quatro dias após é levado à pia batismal da igreja paroquial de Warendorf.

Cedo sentiu o chamado de Deus para o ministério sacerdotal. Ao concluir os estudos secundários dirigiu-se a Eichstätt, onde cursou Filosofia e Teologia.

A 26 de maio de 1876, na Igreja dos Santos Anjos de Eichstätt, recebe a tonsura e as Ordens Menores. Dom Francisco Leopoldo lhe confere o Subdiaconato na Capela episcopal a 23 de dezembro de 1876. Na Igreja catedral de Eichstätt, Dom Francisco Leopoldo o ordena Diácono e Presbítero, a 28 de janeiro e 15 de julho de 1877, respectivamente.

Em outubro do mesmo ano, dirige-se em peregrinação ao Túmulo dos Apóstolos, em Roma. Ali solicita e recebe uma relíquia de São Felipe Neri, o apóstolo dos Oratórios e da educação cristã.

Seu primeiro campo de apostolado foi uma Capelania em Vehr, na Diocese de Münster. A 1º de dezembro de 1886 é nomeado Coadjutor em Quakenbrütt, Diocese de Osnabrück, acumulando a Capelania de Vehr. No ano seguinte, a 9 de fevereiro, é Vigário Cooperador em Lüdinghausen.

Ali se delinea a vocação missionária do Pe. Topp. O Jornal da Diocese "Kirchliche Amtsblatt", em 1889 publica uma carta dos colonos de Braço do Norte, Estado de Santa Catarina, no

Brasil. Eram imigrantes alemães, de profunda fé católica, espalhados pelo sul catarinense, com insuficiente atendimento pastoral.

Era seu pastor o grande Pe. Guilherme Roer, de Münster. Também ele nascera em Warendorf, em 1821. Vindo a saber do abandono espiritual em que se encontravam os colonos alemães em terras catarinenses, deixou a Pátria e veio-lhes em socorro. Chegara ao Rio de Janeiro em 1860. Logo em seguida dirige-se a Vargem do Cedro, fixando residência em Teresópolis, então centro religioso da colonização alemã no sul.

Indo certa vez visitar um doente no distante Braço do Norte, no retorno explicou aos colonos as boas terras que ali existiam, praticamente não aproveitadas. Convidou-os a emigrarem de Teresópolis e São Pedro de Alcântara, para lá fundarem uma nova colônia. Assim nasce o Braço do Norte, novo centro irradiador colonizatório, com a fundação de novos núcleos.

O trabalho, a idade, as distâncias, não permitiam mais ao Pe. Roer oferecer um atendimento satisfatório aos colonos. Ao final de quase 30 anos de intenso e heróico apostolado, cansado e doente, pede aos colonos que escrevam a Münster, solicitando a caridade de mais sacerdotes.

Pe. Topp lê a carta. Pulsa-lhe no coração o entusiasmo pela causa do Evangelho

Pe. Topp lê a carta. Pulsa-lhe no coração o entusiasmo pela causa do Evangelho: seu patrono é Francisco Xavier! Está com 35 anos de idade, em pleno vigor físico e espiritual. Dirige-se a seu Bispo, Dom João Bernardo, e obtém licença de partir para a missão. Embarca para o Brasil em fins de 1889. Chegando ao Rio de Janeiro, sede do Bispado, recebe as Faculdades de Vigário Missionário. Tendo no sangue e na fé o fervor de São Bonifácio, por três décadas e meia será o grande apóstolo de Santa Catarina.

Formara-se na época das lutas religiosas na Alemanha, na época do Kulturkampf, grande combatente à Igreja católica e suas instituições. Estava preparado para enfrentar o laicismo e o anticlericalismo da recém-nascida República Brasileira.

A Messe é grande

Em janeiro de 1890 desembarca no Desterro, Capital do Estado.

A situação religiosa de Santa Catarina não era das melhores. O Bispo morava no Rio de Janeiro. Escassez geral de Clero. Excetuando-se os Jesuítas das Missões de Florianópolis e Nova Trento, menos de 10. Alguns tinham perdido o interesse pelo apostolado. Usufruíam de empregos públicos e se preocupavam mais com o sustento dos filhos. O Planalto e o litoral estavam abandonados. Também Santa Catarina era vítima da grande crise

religiosa que se abatera sobre o Brasil no século XIX. Para o alimento da fé, as tradições religiosas e as Irmandades. Não havia uma efetiva organização eclesial para o atendimento dos fiéis e dos sacerdotes. Como contrabalanço, os imigrantes alemães e italianos, instalados aqueles em 1829 em São Pedro de Alcântara e estes a partir de 1870.

Os imigrantes eram portadores do Catolicismo restaurado de Pio IX

Os imigrantes eram portadores do Catolicismo restaurado de Pio IX, fiéis às diretrizes tridentinas no tocante à vivência sacramental e à organização eclesial. Já os brasileiros, em virtude de séculos de Padroado (entrega dos negócios eclesiais ao Rei de Portugal e depois ao Imperador do Brasil), praticamente não tinham sido atingidos pelos Decretos Tridentinos, sendo ainda portadores de um Catolicismo predominantemente medieval.

Nesta situação, foi o povo que se encarregou de buscar caminhos para alimentar a vida cristã. Os brasileiros encontraram a fonte nas tradições religiosas, nas festas populares, nas Irmandades, nas devoções. Os imigrantes, nascidos em outro contexto eclesial, solicitam sacerdotes. Assim teremos em Joinville o Pe. Carlos Boegerhausen, em Blumenau o Pe. José Maria Jacobs, em Brusque os Pes. Alberto Gattone e João Fritzen, em Teresópolis o Pe. Guilherme Roer. Poucos operários para uma grande messe.

Início da Obra missionária

A primeira parte dos trabalhos do Pe. Topp acontecerá no Sul do Estado.

Foi indescritível a alegria dos colonos do Braço do Norte e do Capivari: recebiam um padre jovem, de caráter vivo e ardente.

Sem o saber, Pe. Francisco Topp iniciava em 1890 a Missão da Diocese de Münster no estrangeiro, Missão que tantos e tão valiosos frutos produzirá na vida religiosa catarinense, para cá trazendo bons e virtuosos sacerdotes que marcaram até hoje a fisionomia religiosa e cultural do Estado. Os imigrantes italianos

Münster e Turim foram pioneiras em relação à Igreja catarinense

foram atendidos pela Missão da Diocese de Turim. Sem dúvida foi o primeiro Projeto de Igrejas-Irmãs de que se tem notícia no Brasil. Se a Igreja catarinense foi pioneira deste Projeto em 1875, Münster e Turim foram pioneiras em relação à Igreja catarinense, que está repartindo do muito que recebeu.

Pe. Topp fixa residência junto à capela de São Ludgero.

Mas quase não pára aí. Seu campo de apostolado atinge distâncias de mais de 90 km a partir do centro. Tinha de atender a distantes núcleos habitacionais, visitar doentes, enfrentando a floresta, o índio, perigos de todo tipo. Também toma para si o cuidado dos colonos italianos e poloneses da Colônia Grão Pará, além de todo o Curato de Teresópolis, pois o velho Pe. Roer, fraco e doente, se retirara para a Santa Casa de Porto Alegre, onde falecera a 8 de outubro de 1891.

Percebe que sozinho não poderia dar conta do trabalho. Escreve ao Bispo de Münster pedindo mais sacerdotes. O Jornal da Diocese publica a carta. Dois sacerdotes, Coadjuutores da Igreja de São Maurício, de Münster, se prontificam a viajar para a Missão: Antônio Eising e Francisco Auling. A 1º de janeiro de

1891 embarcam no porto de Bremen e no mês seguinte, após seis semanas de viagem, chegam ao novo campo de trabalho apostólico.

Dividem entre si a vasta região: Pe. Topp fica em Teresópolis, Pe. Auling no Braço do Norte, Pe. Eising no Capivari. Com seu zelo e caridade conquistam a todos: alemães, italianos, poloneses e até os desconfiados brasileiros.

Maior desafio a seu trabalho eram as visitas aos doentes: às vezes eram necessárias viagens de 20 a 24 horas constantes, no lombo de um cavalo.

Nas terras do índio Tubá

Em 1891 chega a notícia de que o Pe. Cipriano Buonacore iria deixar a imensa Paróquia de Tubarão e retirar-se para a Itália. À Paróquia de Tubarão estava praticamente anexa outra enorme Paróquia, a de Araranguá, pois seu velho Vigário, Pe. Júlio Carlos de Oliveira, deixara de paroquiar. Lá, com exceção de três, todas as famílias eram brasileiras. Seria um novo desafio aos padres, mais acostumados a tratar com o elemento germânico.

Pe. Topp escreve ao Bispo do Rio de Janeiro, colocando-se à disposição para o novo serviço. A 13 de junho de 1891 é nomeado Vigário de N. Sra. da Piedade de Tubarão. E como ficaria Teresópolis? E mais, como resolver o problema pastoral do centro e do planalto catarinenses?

Neste momento já se delineia a visão pastoral do Pe. Topp, preocupado não só com os imigrantes do Braço do Norte e Teresópolis, pelos quais deixara a Pátria. Seu zelo pastoral ultrapassava as fronteiras paroquiais: era preciso uma organização pastoral que atendesse a todas as áreas carentes do ministério sacerdotal. Num espaço de 13 anos encontrará a fórmula para preencher os vazios: a vinda de novas Ordens e Congregações religiosas da Alemanha, que depois serão distribuídas pelo território catarinense. Cumpre notar que Pe. Topp não tem ligação com lugares já assistidos, como Nova Trento, Joinville. Sua alma missionária pulsa pelos desassistidos.

Sabendo que a Província Franciscana de Santa Cruz, da Saxônia, queria restaurar as antigas Províncias da Imaculada Conceição (sul) e de Santo Antônio (norte), praticamente inativas após a política anti-religiosa do Império, consegue que eles venham para Teresópolis.

Teresópolis será o ponto inicial da restauração da vida franciscana no Brasil

Ali chegam os filhos de São Francisco a 12 de julho de 1891. Teresópolis será o ponto inicial da restauração da vida franciscana no Brasil. Será o ponto de partida para as novas fundações franciscanas: de lá sobem para Lages (no Planalto) e dali descem para Blumenau (Centro), marcando uma vigorosa presença religiosa e pastoral em toda esta abandonada região. Difundir-se-ão por Campos Novos, Curitiba, Palmas, Rodeio, por toda a parte enfrentando o anticlericalismo da República, açulado pela Maçonaria. Há hoje um certo modo de fazer História que os coloca como opressores frente aos quais reagem as massas populares. É o desejo de afirmar, de qualquer modo, o processo de romanização do catolicismo catarinense. Mesmo admitindo-se a romanização, é mais sensato ver na perseguição aos frades as maquinações políticas de quem não tolerava sua incipiente influência sobre o povo.

Grande preocupação constitua-se a educação da juventude e da infância: educação e catequese eram as opções prioritárias do trabalho da Missão de Münster. Em Tubarão Pe. Topp abre uma escola para os filhos dos brasileiros, sendo ele mesmo um dedicado professor, apesar da dificuldade de ensinar em português, língua que aprendera após os 30 anos de idade.

A Missão se amplia e consolida

Desejavam os padres (em 1893 tinham chegado Carlos Schmees e Bernardo Freise; Pe. Eising fora para a Colônia Brusque) Irmãs e professores leigos para as escolas. Chegam dois leigos de Münster: os professores Atkemeyer e Schumann, que depois se retiraram para Curitiba, sede do novo Bispado, onde exercem, especialmente o Prof. Schumann, notável influência.

A grande solução o Pe. Topp a encontrou em 1894, quando de uma viagem à terra natal: de lá traz Irmãs da Congregação da Divina Providência, fundada em Münster pelo Pe. Eduardo Michaelis, Irmãs que desembarcam na Ilha de Santa Catarina em abril de 1895. Albina Frehrmann, Oswaldia Wegen e Albertina Koller são encaminhadas para Tubarão, e Ana e Rufina Weiermann e Paula Emping para Blumenau.

Em 1898 as Irmãs fundam o Colégio Coração de Jesus, em Florianópolis. Depois seguem para Brusque, onde auxiliarão o Pe. Eising na "Santa Casa de Misericórdia" em Azambuja e na cidade. Sua expansão será de enorme importância para a Igreja catarinense: assumirão Colégios e Hospitais, auxiliarão na Catequese e na Pastoral, por todo o Estado.

Em 1894 toma posse o 1º Bispo eleito da Diocese de Curitiba, Dom José de Camargo Barros. Ficará impressionado com o Pe. Francisco Topp, a quem melhor conhecerá na Visita Pastoral de 1895. Assumirá sua intuição para a organização eclesial e fá-lo-á seu conselheiro e informante. O mesmo se diga de Dom Duarte Leopoldo e Silva, 2º Bispo de Curitiba.

Dom José pede que o Pe. Auling o ajude em Curitiba. Com muito sacrifício, o abnegado sacerdote aceita o convite de deixar a querida Braço do Norte, onde tanto fizera pela Igreja e pela mocidade. Na capital paranaense é nomeado Vigário Geral do Bispado, cargo no qual muito ajuda os alemães de Santa Catarina.

Sistematiza-se melhor, graças à Missão de Münster, a vida religiosa catarinense

Atraídos pelo convite do Pe. Topp chegam mais sacerdotes: Frederico Tombrock (1896), Humberto Ohters (1897), José Sundrupp (1899), Antônio Tertilt (1895). Sistematiza-se melhor, graças à Missão de Münster, a vida religiosa catarinense: vão preenchendo as áreas povoadas pela descendência das grandes correntes imigratórias. Mas não se fecham numa pastoral étnica. Os Pes. Eising e Sundrupp, a partir de Brusque assumirão São João Batista, Tijucas, Camboríu, Porto Belo, Itajaí.

Pe. Topp não pára. Em 1904 consegue a vinda, da Alemanha, dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, Congregação fundada pelo Pe. Leon Dehon, grande pioneiro da doutrina social da Igreja.

Nova leva de zelosos missionários, agora os Dehonistas, ocupam mais Paróquias. Tendo à frente o Pe. Gabriel Lux, começam por Florianópolis, junto ao Pe. Topp, depois dirigindo-se para São Miguel em Biguaçu. Há problemas no início: por um erro diplomático, Pe. Topp promete-lhes Itajaí, onde se esbarrarão com o Pe. Ludovico Coccolo, que pede 5 "contos" para entregar a Paróquia. Escândalo! A solução foi encontrada entregando-lhes Brusque, pois o Pe. Eising se retirara para Rodeio, onde se tornará Frei Capistrano. E em Azambuja se pede o sacrifício do Pe. José Sundrupp, que tem de deixar, com o coração transido de dor, sua grande obra: a "Santa Casa de Misericórdia N. Sra. de Azambuja", um conjunto cuja fundação tomara todas as forças de sua grande alma sacerdotal.

De 1905 a 1918 será o Vigário de Joinville, onde a par de notável obra catequética e educativa, terá de amargar todo o furor antigermânico desencadeado pela Grande Guerra. Preparou a futura Paróquia de Jaraguá do Sul.

Os Padres do SCJ depois assumirão Corupá e Vargem do Cedro, tendo como guia o Pe. Gabriel Lux, responsável pela consolidação das obras de Azambuja e pela fundação do Seminário de Corupá.

Na Ilha de Santa Catarina

Nova surpresa estava reservada ao Pe. Topp: o Pe. João Batista de Oliveira, Vigário de N. Sra. do Desterro, retirara-se para Portugal. A 27 de fevereiro de 1896 Dom José lhe escreve pedindo

Florianópolis seria a primeira capital brasileira a ter um Vigário alemão

que um dos três sacerdotes de Tubarão (Topp, Schmees, Freise) a assumisse. Topp aceita o novo desafio. Florianópolis seria a primeira capital brasileira a ter um Vigário alemão. A 31 de março sai a Provisão: a Paróquia de N. Sra. do Desterro será seu campo de atividade apostólica até 1921.

Pe. Topp sabe, porém, que não será pouco nem fácil o trabalho: Florianópolis será apenas o centro de uma vasta área a ser atingida pelo seu devotado ministério. Simultaneamente assume as Paróquias de N. Sra. da Lapa, no Ribeirão da Ilha, Santíssima Trindade, N. Sra. da Conceição, da Lagoa, São Miguel Archanjo, em Biguaçu e São José. Seis Paróquias em grande abandono. Mas nada o atemoriza: só estava contente se sobrecarregado de trabalho!

Em Florianópolis teria de sofrer o combate de certas elites laicistas e nacionalistas, como veremos depois. Sua amizade e diplomacia granjear-lhe-ão a amizade de todos.

Especialmente devota-se às crianças e aos pobres. Funda Centros catequéticos, escrevendo ele mesmo um Manual de Instrução Religiosa, infelizmente perdido. Dois desses Centros no futuro serão transformados em Paróquias: Agrônoma e Saco dos Limões.

Traz para Florianópolis as Irmãs da Divina Providência, estimula a fundação do Colégio Catarinense, dos Padres Jesuítas, funda o Asilo dos Órfãos, e às próprias expensas cria a Escola Paroquial Santo Antônio, para a instrução primária.

Além do trabalho pastoral, Pe. Topp empenha-se na reforma de antigas igrejas, como a atual Catedral e a antiga Matriz de São Miguel Archanjo. Seu zelo não media esforços para que os católicos retornassem à frequência da Missa e da Confissão. Convida os Franciscanos a pregarem Missões, sendo ele próprio missionário. Não houve local do litoral sul catarinense que não recebesse sua atenção.

Enfrentar simultaneamente e em tão curto espaço de tempo tantos trabalhos

É praticamente impossível imaginar que este sacerdote tenha conseguido enfrentar simultaneamente e em tão curto espaço de tempo tantos trabalhos.

Tudo isto lhe granjeia a confiança total do Bispo de Curitiba. Em 11 de abril de 1896 Dom José lhe confere poderes sobre todo o Clero catarinense e o nomeia informante e conselheiro. O Bispo não faz nenhuma nomeação, não cria ou provisiona nenhuma Paróquia, nada permite que se leve adiante sem o parecer do Pe. Francisco Topp: sua retidão moral e sua caridade cristã eram garantia para aconselhar em qualquer decisão. Pe. Topp tinha a seu lado os padres alemães, italianos, brasileiros. Todos

o estimavam e respeitavam. Seus dons possibilitaram uma ampla reforma religiosa sem traumas e sem inimigos.

A criação da Diocese de Florianópolis

Paulatinamente se reorganiza a vida católica catarinense.

Havia, contudo, um problema: a Diocese de Curitiba era muito vasta. Fazia-se urgente a criação de um Bispado em Santa Catarina!

Delicadamente Pe. Topp sugere a idéia a Dom José. O Bispo, ciente da situação, assume-a. A 28 de fevereiro de 1900 escreve-lhe uma carta, encarregando-o de dar os passos necessários, a começar pela formação do Patrimônio do futuro bispado. Incansável e entusiasmado, Pe. Topp lança-se ao trabalho. Preside a Comissão nomeada e sai ele, pessoalmente, a angariar esmolas, visitando boa parte das Paróquias catarinenses em forma de Missão. Seu trabalho é coroado a 17 de março de 1908: com a Bula "Quum Sanctissimus Dominus Noster" o Santo Padre Pio X erige o Bispado de Florianópolis, abrangendo a área do Estado de Santa Catarina. A Matriz de N. Sra. do Desterro é elevada a Sé Catedral.

Isto aumentou o trabalho e a responsabilidade de Pe. Topp. O fato é comprovado pelos cargos que vai acumulando no decorrer dos anos: de 3 de maio de 1908 a 12 de setembro de 1912 é Secretário Geral do Bispado; de 12 de setembro de 1912 a 7 de setembro de 1914, por vacância do Titular da Diocese, é Governador do Bispado; de 30 de novembro de 1912 a 7 de setembro de 1914 é Vigário Geral e Provisor; de 15 de abril de 1915 a 18 de maio de 1925 é Procurador Geral (Chanceler); de 14 de outubro de 1918 a 18 de maio de 1925 é novamente Vigário Geral; a 31 de maio de 1924 é nomeado Consultor Diocesano. Era, por assim dizer, a alma da Diocese. Dom Joaquim Domingues de Oliveira, o bispo diocesano desde 1914, mesmo sendo por natureza centralizador e pouco admirador dos Padres alemães, não pode dispensar sua ajuda.

Em tudo isso, neste mar de responsabilidades, não esquece o povo, que devota especial carinho ao santo pastor: pobres e

Tal devotamento aos pobres chegou a criar-lhe embaraços financeiros

ricos, crianças e velhos, todos nutrem por ele especial afeto. Criou-se até a expressão: "Dinheiro na mão de Pe. Topp é como manteiga em focinho de cachorro: desaparece". Tal devotamento aos pobres chegou a criar-lhe embaraços financeiros: ocasião houve em que o Bispo precisou chamá-lo à atenção, pois necessitava-se um pouco mais de organização financeira. A abundância de suas esmolas fez com que nem sempre tivesse dinheiro para saldar as dívidas. Em 1906 Pe. Topp faz uma viagem à Alemanha. Substitui-o no Desterro Frei Zeno Wallbroehl. A 27 de janeiro Dom Duarte escreve ao Frei que constitua sem demora o Conselho de Fábrica da Matriz, antes que o Pe. Topp retorne. "Creio que é um ato de caridade que lhe fazemos", diz o Bispo de Curitiba. Estava preocupado com as bondades do Vigário, que não olhava o futuro quando tinha um pobre à sua porta.

Apesar desta desorganização financeira, Pe. Topp era de uma organização pastoral e arquivística exemplar. Tudo o que fez ou planejou deixou exarado com sua bela caligrafia em livros muito bem conservados. Copiou antigos livros da Paróquia. Pesquisou a História da Igreja em Santa Catarina, seus Vigários e acontecimentos principais. Com esta finalidade publicava belos artigos na Resenha e no Boletim Eclesiástico. Todo o processo de nomeação de Vigários é impecavelmente cuidado, tudo dentro dos prazos canônicos. Graças a Deus, apenas os pobres o deixavam desorganizado!

A autoridade eclesiástica soube valorizar seu trabalho cumulado-o de títulos e honrarias: em 1902 recebe de Leão XIII a Cruz "Pro Ecclesia et Pontifice". Dom José lhe comunica a notícia a 17 de maio, agradecendo-lhe todo o bem que fez pela Igreja. A 21 de outubro de 1908 é nomeado Cônego Honorário do Cabido Metropolitano de Porto Alegre, em reconhecimento por seus esforços na criação da Diocese de Florianópolis. A 17 de janeiro de 1912 é nomeado Monsenhor Camareiro de Honra de S. S. o Papa Pio X. A 1º de junho de 1915, Monsenhor Prelado Doméstico de S.S. o Papa Bento XV.

Desejo de Catequizar os Índios

Pe. Topp interessou-se pelos índios, desejando ir à floresta catequizá-los, acompanhando expedições de bugreiros! A imigração alemã e italiana trouxera esta nódoa para Santa Catarina.

As expedições de bugreiros foram marcos de crueldade

Eram pobres atacando pobres. Parecia não haver espaço para os dois. Vence o mais forte, infelizmente. As expedições de bugreiros foram marcos na crueldade que dizimou os primeiros habitantes do solo catarinense.

Neste intento encontrou oposição firme e esclarecida em Dom Duarte Leopoldo e Silva que numa carta de 27 de janeiro de 1905 explica-lhe os motivos da expedição. Encontrei esta carta no Copiador Episcopal do Arquivo Arquidiocesano de Curitiba. Pela sua importância, transcrevo-a na íntegra:

"Revmo. Sr. Pe. Francisco Topp
Florianópolis

Com pesar e sofrimento, vi-me forçado a contrariar as suas boas intenções, passando-lhe os dois telegramas datados de ontem.

Em seu zelo ardente de fazer o bem, V. Rev.^{ma} não pesou suficientemente as conseqüências funestas de sua intervenção em uma verdadeira caçada de índios, contra a qual não posso deixar de protestar na minha dupla qualidade de Bispo e brasileiro.

Como poderia V. Rev.^{ma} evitar atrocidades em uma expedição que, em si mesma, é uma grave atrocidade? Nem eu posso compreender como se reclame a presença de um sacerdote para evitar o mal que de antemão se resolveu praticar e que absolutamente não se poderá impedir, atentas as circunstâncias?

Como, por que milagre, poderia obstar V. Rev.^{ma} que os valentes e briosos caçadores não obedecessem à voz do comando ou não se defendessem em uma luta por eles barbaramente provocada?

Não é difícil prever o partido que desta imprudência tirariam os inimigos da Igreja, acusando a V. Rev.^{ma} de haver chefiado uma carnificina de homens como nós, que como nós têm direito à vida, e por nós devem ser conquistados para a Pátria e para o céu?

Protesto contra este singular sistema de catequizar e educar algumas pobres crianças, trucidando cruelmente os pais

Não, meu caro padre. Em nome da Religião, de que sou indigno ministro, em nome da sociedade à qual pertença, em nome da minha Pátria, protesto contra este singular sistema de

catequizar e educar algumas pobres crianças, trucidando cruelmente os pais como se matam os tigres das florestas, para expor-lhes os indefesos caboclinhos à admiração pública dos civilizados.

· Não, meu padre! Deixando-se matar e não matando foi que os nossos missionários conquistaram os primitivos selvagens para Deus e para a Verdade e para a Sociedade. Sacrificando-se e não sacrificando é que se há de chamar aos sentimentos mais doces os pobres selvagens, habituados a ver nos brancos o seu mais temível inimigo e incansável perseguidor.

Dir-se-á que os selvagens atacam, matam e invadem. É verdade. Mas assim o fazem em represália, e tão-somente para vingar uma agressão presente ou passada, sem distinguir, infelizmente, por que não o podem fazer, o inocente do pecador. Como, pois, se pretende reprimi-los com uma nova agressão? Lembra-me que em tempos passados foram presos e condenados em Lages alguns assassinos de índios. Há tempos mais próximos, foi também processado em Palmas um outro caçador de bugres.

Como explicar agora uma expedição que se organiza publicamente, e com grande aparato, para cometer uma ação que as leis do País reputam criminoso em um só indivíduo? Onde evoluiu a nossa civilização, que o crime de ontem seja hoje ação meritória e digna de aplausos? Apesar de longa, não terminarei esta minha carta sem uma última observação: insinua-me V. Rev.^{ma} que se projeta iniciar o serviço de catequese ainda que de modo tão estranho. . .

Se assim for, não sabendo o pobre selvagem distinguir inimigos de amigos entre os atacantes, o padre que entre eles fosse visto seria tido como agressor e todos os demais que, ao depois, quisessem aproximar-se deles, seriam tidos na mesma conta e repelidos como tais.

Assim, pois, ficaria infalivelmente prejudicada a catequese nestas paragens. E, de modo nenhum, compensaria o bem presente o mal certo e futuro. Quanto melhor seria que se reservasse tanto dinheiro inutilmente dispendido, para a organização da Catequese. . .

Enfim, dentro de poucos dias, talvez, estarão em Florianópolis mais algumas crianças que serão educadas nos são princípios da civilização, mas... o sangue dos pobres pais, vitimados em nome dessa mesma civilização, sobre quem recairá?...

Envio-lhe a minha bênção e subscrevo-me. . .

Dom Duarte tinha razão. Chegaram índios a Florianópolis. E Pe. Topp pegou um para criar. . . No Batismo deu-lhe o nome solene de Francisco Topp. O índio Francisco Topp chegou a entrar no Seminário e jornais da época noticiam que iria para Roma, fazer estudos superiores. Não se sabe depois qual foi seu paradeiro.

Imprensa, Política, Incompreensão

Em 1905 Pe. Topp teve também sua tentação política. Achava que, além das Escolas Católicas, Florianópolis necessitava de um partido católico, para arregimentação das forças católicas. A idéia não foi sua, mas do Pe. João Batista Peters e do Dr. Hercílio Luz. Fundariam o Partido Católico e fariam do jornal A VERDADE porta voz desta corrente. Finalidade básica do Partido seria a luta para a mudança de leis republicanas que marginalizavam a Igreja da vida pública.

Dom Duarte imediatamente se opôs. A 1º de fevereiro de 1905 escreve longa carta ao Dr. Hercílio Luz dando-lhe os motivos de sua oposição. Num trecho se lê: "Bem que a situação política do Estado de Santa Catarina constitua no pensar de V. Ex.^a um terreno habilmente preparado para a arregimentação dos católicos em um Partido mais ou menos político, com um programa mais ou menos religioso. Não a vejo, contudo, bastante luminosa para dissipar-me com tanto os seus fundados escrúpulos". (Copiador Episcopal, Arquidiocese de Curitiba). Pe. Peters ainda teimava. Dom Duarte, não o convencendo com os argumentos, convence-o com o susto: "V. Rev.^{ma} trabalhará por conta própria, ou em nome individual, sem nenhum direito de dirigir-se como padre católico, aos padres e aos católicos de minha Diocese; trabalhará

sem as bênçãos do seu Bispo, do seu pai e amigo" (Carta de 1º de novembro de 1905 — Copiador Episcopal). A história termina por aqui mesmo.

O período 1911-1918 foi de grande sofrimento para Pe. Topp e outros padres alemães

O período de 1911-1918 foi de grande sofrimento para Pe. Topp e outros padres alemães. A imprensa e certas elites ditas liberais aproveitam toda ocasião para atacá-los e, especialmente, desmoralizá-los. Ana Maria Martins Coelho Correia, em uma Dissertação apresentada na Universidade Federal de Santa Catarina em 1988, estuda o problema a partir da análise do jornal O CLARÃO, publicado de 20 de agosto de 1911 a fevereiro de 1918. Sua linha editorial se queria independente, mas basicamente transpirava preconceitos anticlericais de origem maçônica. Os padres alemães, especialmente Pe. Topp, são suas vítimas preferidas. Enxergam na sua atuação uma estratégia estrangeira para apoderar-se do Brasil, começando pela germanização das escolas, das igrejas. Tinham um prato cheio para seus ataques: Pe. Topp, os padres Jesuítas, os Frades Franciscanos, o Pe. Jacob Slater de Tijucas, o Pe. José Sundrupp de Joinville. As acusações eram tão violentas e sarcásticas que perdiam a seriedade. São todos alcunhados de "jesuitada e fradaldada alemã". Pe. Topp recebe o irônico apelido de Mons. Tipp Topp".

Pontos de combate: as escolas católicas, o confessionário, os sermões, que "levam à imoralidade, à ignorância, à desnacionalização". Alguns exemplos: *A Igreja e a Escola*

Donde vens tu, mulher, como a desgraça, esqualida?

Que precoce velhice em tua fronte alveja?

Quem és tu? De onde vens, ó mísera tão pálida?

Eu sou a ignorância e venho duma Igreja! (O CLARÃO, 6/7/13)

E esta paródia cruel de um sermão do Pe. Topp sobre a confissão: *"Que perriga faz! que perriga pode haver resultar para a moça ou muer casada está sozinha no confessionária com um santo frade ou jesuíta como nós?"*

Nenhum!

Si colocamos sempre o nome de Jesus Cristo, as palavras que proferimos no sagrada confessionária, como porr exemplo:

"Amo-te em Jesus Cristo; à noite sonheti contigo em Jesus Cristo; são palavras sagradas ensinadas pela nossa Santa religion que non ofende o pudor porque amar o "frade" que faz as vezes de Crristo na terra, é amar o Crristo, e porr isso nom é amour "desonesto" como o amour empregado a um "profano". (O CLARÃO, 20/8/13).

Foram tempos difíceis, mas vencidos com o sofrimento e o silêncio. O povo estava do outro lado. Talvez este o principal motivo de tanto ódio. No fundo, era a luta pela influência na sociedade. Os regimes liberais inicialmente não olhavam com bons olhos os concorrentes no meio social.

Pe. Topp realizara grande missão. A Igreja catarinense estava organizada

Na Luz perpétua

Pe. Topp realizara grande missão. A Igreja catarinense estava organizada. Era Diocese. As Paróquias estavam providas de sacerdotes. Grande rede de Escolas Paroquiais atendiam às crianças católicas. Surgiam vocações. A vida religiosa se desenvolvia.

Em 1921 deixa o Curato da Catedral. A 18 de maio de 1925 não é mais Vigário Geral. Em sua casa, velho, doente, pobre, quase cego, prepara-se para o encontro com o Pai. Sete meses depois, a 25 de dezembro de 1925, entrega a alma a Deus. Dia de Natal.

As cerimônias de seu sepultamento foram apoteóticas: os cronistas da época afirmam que jamais a Capital presenciara tamanha concentração de público. Eram os pobres, maioria da população, que foram despedir-se de seu benfeitor. Monsenhor Topp terminara seus 35 anos de trabalho apostólico em Santa Catarina. A Igreja catarinense testemunhava um novo dinamismo.

Duas palavras podem resumir esta grande vida: "O zelo pela tua casa me consome" (Jo 2,17|Sl 69,10); e "Tudo o que fizestes ao menor de meus irmãos, é a mim que o fizestes" (Mt 25,40).

Seu epitáfio é um retrato de sua vida: "Passou pela terra fazendo o bem" (Cf. At 10,38). Está sepultado no Cemitério da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos, na Prainha, em Florianópolis.

Nota

Pesquisa feita no Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina, na Cúria Metropolitana de Florianópolis; no Arquivo da Arquidiocese de Curitiba, naquela Capital; e no Arquivo Público de Santa Catarina, em Florianópolis.

Endereço do Autor:

Casa Paroquial do Saco dos Limões
Rua José Motta Espezim, s/nº
88045 - FLORIANÓPOLIS, SC

RECENSÃO

TRABALHO: VOCAÇÃO E FADIGA

— Ensaio de compreensão bíblica da condição laboral dos seres humanos —

JULIO DE SANTA ANA, Ediciones La Aurora, Buenos Aires, 1988

Pe. Ney Brasil Pereira
Professor de Exegese

Livrinho de 100 páginas, em espanhol, fazendo parte da coleção "Vocabulário Bíblico", recém-iniciada pelas "Ediciones La Aurora", de Buenos Aires, com o objetivo de colocar à disposição dos leigos cristãos uma contribuição válida para a releitura atenta da Bíblia em nosso contexto latino-americano, a partir dos grandes termos teológicos nos quais a palavra bíblica transmite os seus conteúdos.

JULIO H. DE SANTA ANA, o conhecido teólogo metodista uruguaio, secretário executivo do CESEP em São Paulo, dá a sua contribuição em três capítulos (1. Ser humano é quem trabalha; 2. Trabalho e lutas sociais no AT; 3. Os trabalhadores e as condições de trabalho nos tempos de Jesus e da Igreja primitiva), arrematando com algumas conclusões.

I. Ser humano é quem trabalha

Essa consciência, segundo o autor, data "de pouco mais de 150 anos" (p. 9), sucedendo à convicção anterior da superioridade do *homo sapiens* sobre o *homo fáber* e, de ambos, sobre o *animal labórans*. E cita uma afirmação de Paul RICOEUR, em 1955: "O descobrimento ou redescobrimto do homem como trabalhador é um dos grandes acontecimentos do pensamento contemporâneo..." (p. 10) Em contrapartida, observa que a teologia não tem dado a atenção devida a este tema... E pergunta se isto não se deve a uma "dependência demasiada do pensamento grego, que, como se sabe, desprezava os que trabalhavam" (p.

ainda é pior: as igrejas nunca chegaram a evangelizar os trabalhadores industriais" (pp. 12). O fato é que, inelutavelmente, o tema do trabalho e o impasse da questão social, dividida entre liberalismo e socialismo, foram sendo assumidos pelos teólogos e pelas igrejas, a Igreja Católica e várias instâncias do Movimento Ecumênico optando pela "via média", isto é, nem capitalismo nem comunismo (pp. 13-14). Mas há também, além das novas condições de trabalho criadas pela aplicação de tecnologias mais desenvolvidas (cf a informática e a robotização), o fator emergencial do *desemprego* (para não falarmos do subemprego), cada vez mais preocupante, como já o assinalou em 1981 o papa João Paulo II na "*Laborem Exercens*", n.º 18 (cit. na p. 16)

A esta altura, J. DE SANTA ANA, observa que a tomada de consciência das igrejas coincide com o fato novo de que, na AL, "quicá pela primeira vez na história, os pobres irrompem na vida das igrejas". E menciona, além das CEBs, os teólogos da libertação (p.16). A seguir, mostrando como os textos da Bíblia nos podem iluminar e orientar nesta tomada de consciência, ele dedica cinco páginas (pp.17-21) a uma resenha mais técnica do *vocabulário bíblico* sobre o trabalho: no AT, a raiz *'abad*, com o sentido fundamental de trabalhar, servir; a raiz *pa'al*, que significa fazer; a raiz *'asah*, que também significa fazer; e a raiz *sharai*, que significa servir; e no NT, os vocábulos *érgon* e *ergázomai*, com a noção de trabalhar; os vocábulos *kópos* e *kopíáo*, com a noção de fadiga; os vocábulos derivados de *poieó* e *prasso*, com a noção de fazer.

Nas pp. 21-24 o autor realça o que caracteriza o pensamento bíblico em confronto com o pensamento grego. Se para Aristóteles era necessário considerar a *natureza* humana, a essência do trabalho, na Bíblia o que mais conta é a *condição* humana, o quem-como-onde do trabalhador. P. ex., no relato do Êxodo, Deus responde ao clamor do povo *oprimido* (Ex 3,7), interessando-se pela vida desse grupo de pessoas que vivem em condições de injustiça. "O Deus da Bíblia é um ator parcial. É diferente da deusa grega da Justiça, de olhos vendados..." (p. 22)

Por isso, uma vez que, para entender o texto bíblico então, é necessário referi-lo às suas circunstâncias históricas concretas, da mesma forma, para entender esse mesmo texto hoje, é preciso

As igrejas nunca chegaram a evangelizar os trabalhadores industriais

11). A seguir, refletindo sobre o atraso com que as igrejas tomaram consciência da questão operária, agudizada com a revolução industrial do séc. XVIII, observa: "Para alguns, isto significou que as igrejas perderam a classe operária". Para outros, a situação